

peteleco



no. 3

PETeleco. Aqui tudo começou com o grupo PET ARTES VISUAIS sob tutoria de Gilberto Sarkis Yunes em 1995, que iniciam o peteleco como um mini jornal, que trazia notícias do curso, convites para eventos e também novidades referentes ao programa PET - Programa de Educação Tutorial. Agora, damos continuidade ao projeto em formato de revista, chegamos na nossa terceira edição digital no web-lugar onde tudo e todes se conectam.

Pelas telas brilhosas dos computadores, celulares, televisores, tablets, leitores de pdf e demais transmissores da rede universal de computadores, viemos te dar esse peteleco. Então, se liga! Não deixe sua bateria acabar.

Esta é a Revista Peleteco no.3

pet
artes
visuais



CONVERSA COM GUILF FARIAS



CHAMADA VÍDEO - ARTE



GRUPO CORPO, IMAGEM E SOM



CONHEÇA UMA ARTISTA: JESSICA PORCIÚNCULA



COLUNA RECOMENDA: PODCASTS, CURTAS, PALESTRAS E MÚSICAS

conversa com guile farias



essa é uma conversa sobre produção artística, design e formação. A conversa com o artista Guile Farias (@guilefarias_) foi guiada pelos artistas e petianes Rafaela Ribeiro e André Gustavo. Esses, que além de compartilharem a graduação no curso de Artes Visuais do Centro de Artes, na Universidade Federal de Pelotas, também compartilham na conversa ideias, visões e vivências.

AG: Vou começar então com a primeira pergunta... mas na verdade queria primeiro agradecer você, a Rafa já agradeceu, mas eu agradeço de novo, obrigado por estar aqui com a gente!

G: Ah! Eu quero agradecer muito, porque eu acho muito necessário o diálogo entre artistas, professores, alunos, e acho muito massa essa iniciativa de vocês, realmente muito massa. E fico feliz por vocês terem me chamado, por que é difícil o pessoal vir falar comigo, viu. Por que não sei o que o pessoal pensa... não que eu não vá contribuir, mas talvez que eu não me interesse ou sei lá. É que eu tô no rolê, mas eu não tô muito no rolê. Quando comecei a crescer, eu parei um pouco de tá na rua e priorizei mais tá em casa e tramar. Então como eu não participo, digo em rolê alternativo mesmo, a galera não chega muito em mim. Fiquei até surpreso quando vieram falar comigo.

AG: Ah que massa, a gente ficou mesmo pensando "será que ele vai ter tempo!?" (Risos). A gente tem que se conectar.

G: Esses dias tava até conversando com um lek do Centro de Artes, que é muito louco, por que as pessoas pensam tipo, hoje nesse lugar, numa ascensão um pouco maior do meu trabalho, as pessoas pensam que eu tô tri acompanhado, mas falei pra ele "pô esses dias só precisava trocar uma ideia com alguém tá ligado e não tinha ninguém", é foda. Então hoje eu tô tri feliz aqui!

AG: É isso! A primeira 'pergunta' é mais pra você se apresentar, falar um pouco de onde você é, onde mora e o que você faz...

G: Então, eu nasci na cidade de Pelotas mesmo, cresci no bairro Arco-íris, não sei se vocês conhecem, mas é afastado daqui do centro. Eu moro no centro hoje né, e cresci lá passei a maior parte da minha vida lá. Saí no início desse ano, antes da pandemia e é a primeira experiência que to tendo de morar sozinho.

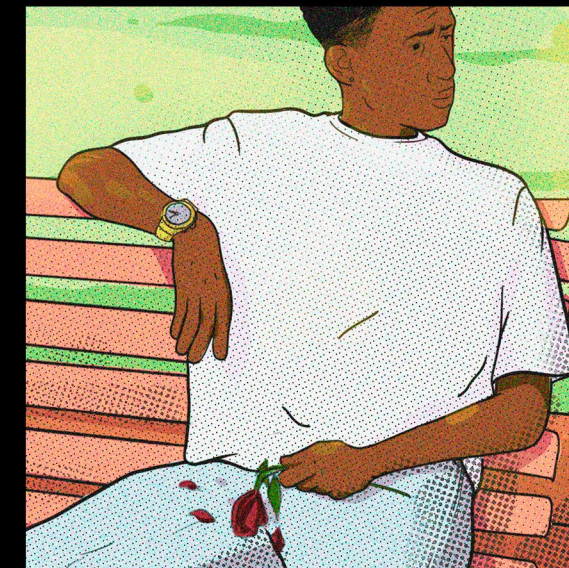
Cara, eu comecei com... desde os 13 anos eu desenho, tô em contato com a arte, só que a diferença é que quando eu desenhava eu sempre vendia pra alguém, na sala de aula, um colega, cinco pila, tá ligado, dez pila, até menos assim, um lanche. Mas comecei sempre com esse hábito de venda. Então comecei com 13 desenhando à mão, 18 eu comecei a mexer no computador e agora tô vivendo disso né, trabalhando como designer gráfico. Falando rapidamente, é isso...

R: Empreendedor... (risos). Massa! A próxima pergunta é sobre ser possível perceber no teu trabalho a presença tanto das artes visuais quanto do design. Em qual campo tu diria que inicia teu processo criativo? E como tu enxerga a parceria desses dois campos?

G: Boa pergunta... É difícil falar assim... Há um tempo atrás era mais pelas artes visuais que eu enxergava tudo. Mas eu comecei a ver a partir de um tempo que uma coisa complementa a outra. Eu tenho um processo de começar na mão, tudo começa num rafezinho, vou fazendo minhas anotações, assim do jeito que eu posso. E aí esse é um processo que eu ainda mantenho contato tátil, e aí tem um lance gráfico também, da composição. Mas esses campos se misturam o tempo todo, hoje é muito difícil pensar separadamente. Eu acho que as artes visuais é o que tempera toda ideia, é o que dá o gás, que dá o toque, pra começar algo. Design gráfico é como se ele fosse finalizar um prato digamos, se fosse uma cozinha: as artes visuais separaria todos produtos, todos os legumes, todos os ingredientes e o design seria a finalização dele. É assim que eu vejo mais ou menos os dois hoje, na minha vida.

AG: Adorei. Eu também acho, às vezes, a gente vai tentando separar, mas as coisas que já estão muito misturadas, né?!

G: Porque, enfim, quando tu tá cozinhando a ideia, já mais ou menos imagina como vai finalizar, então tem muito como guia o que tu imagina como ideal, que seria design né. Por exemplo, vou fazer um pôster, eu consigo fazer ele todo à mão, escanear e finalizar no computador, então me dá mais ferramentas, mas eu tô pensando com o design o tempo todo. Tu vai e volta o tempo todo. Acho ruim separar de vez em quando, quanto ao nosso curso ser separado, eu acho muito negativo porquê o tempo todo tu pega um pouco de tudo nas artes visuais e até o design não ter as cadeiras que



as artes visuais têm é muito ruim, porque sai um monte de robzinho né. É foda, é foda...

AG: Rindo, mas chorando por dentro. Agora, ainda um pouco sobre isso, você tem algum ritual que te ajuda entrar num estado de criatividade? O que você escuta quando tá imerso no teu processo criativo?

G: Então... O ritual, como hoje eu trabalho com poucos clientes, tenho a oportunidade de conversar tranquilamente com eles. Trabalhar com três clientes no mês pra mim já tá suave, então consigo trocar bastante ideia e isso é importante. O que eu escuto de música é muito do que o cliente me passa, por exemplo, tô conversando com vocês e tô sentindo mais ou menos uma energia entende, dentro do diálogo. Ah! Fala da palavra 'alma', a palavra 'vida', vou relacionando essas palavras da conversa e vou trazendo isso pro meu campo de criação. Tem palavras-chave no meu campo de criação, nas nossas trocas, no afeto, que pra mim são cruciais num processo, entende? Se a pessoa fala que gosta muito de azul eu imagino todos os sons que tem tom de azul.

Eu não sei se me vejo como artista, me sinto artista quando tô criando pra mim mesmo, naquele ápice 100% que aí eu entro no meu universo, mas quando... tudo é arte também, né?! Pode chamar de artista, mas quando é um cliente eu mais ou menos tento organizar as ideias dele e apresentar da melhor forma. Eu sou um facilitador, eu me enxergo dessa forma quando tô trabalhando com alguém. Então procuro percorrer e escutar coisas que tão dentro do universo daquela pessoa. E até fico meio eclético nas músicas, porque eu curto me expor ao novo, me experimentar numa outra zona... tipo, tem uma pessoa que escuta de hardcore e eu nunca fui de escutar, mas ela vai falando e mandando referência de clipes, que eu vou pedindo também. E aí eu fico escutando pra entender mais ou menos como é a cabeça da pessoa. É mais ou menos assim meu processo, mais a troca de ideia depois vou



organizando pontos, palavras-chaves e cores. Acho que palavras e cores é o que define o caminho. Depois vou buscando referência de estética. A palavra 'alma' é mais... sei lá.. esmaecida... dentro daquele diálogo, então já vou puxando esses tons, essa atmosfera.

R: Muito bonito esse caminho. A próxima pergunta é sobre tuas referências, quais são elas atualmente e como tu acredita que elas te influenciam? Aí já não sei se é nesse campo de quando tu trabalha pra ti mesmo ou quando é pra outra pessoa que ela te traz as referências...

G: Eu sempre falo, complemento isso com meus amigos, que as minhas referências de arte não são das artes. Eu acho muito... fica muito redundante quando se procura algo dentro do mesmo campo, entende? Minhas referências são - pra execução de trabalho e impacto - são pessoas mesmo. São tipo mulheres e homens que admiro, que tem uma trajetória. Como eles se inserem e como eles fazem pra resistir?! Porque eu me vejo sempre do ponto que eu resisto, que eu sou uma pessoa que resiste. Então eu busco alinhar meu pensamento a minha forma de lutar, de resistir como essas pessoas.

Ah, vou ver uma artista negra que foi, sei lá, chamada pra trabalhar na Louis Vuitton. Eu vejo como ela se comporta, como é que ela usa as ferramentas, mostra o seu universo, entende?! Então as minhas referências mesmo partem daí, de um comportamento, como vou comportar e vou desempenhar meu trabalho onde as pessoas não vão conseguir interferir na minha linha de raciocínio?! Dizer 'pô, é o Guile e o Guile conseguiu resistir do jeito que ele é nesse trampo', tá ligado. As referências sempre partem, diferente do campo da arte que, assim, é também um campo político né, de um campo social.

R: Só queria complementar... porque tu trabalha com coisas muito diferentes né, imagino que chegue proposições muito diferentes mesmo de um cliente pro outro, mas ainda assim a gente consegue ver uma linha que conecta tudo, que é isso que tu tá falando 'é o Guile', o jeito que tu vê essas coisas, que não necessariamente é o jeito que tu risca no papel, mas é o jeito dessa percepção, que é tua... E isso se continua, é muito bonito de ver.

AG: Guile, você já realizou trabalhos com grandes ícones de representatividade e da música brasileira, como Kamau, Drika Barbosa, Baco exu do blues, Zudizilla... Qual a sua relação com a música e de que forma ela te encontra?

coleção de roupas "Capim-cidreira",
desenvolvida através da
@lab_fantasma p/o @raeloficial.



G: Massa! Gosto desta pergunta. Minha relação com a música é muito grande porque eu comecei a desenhar por conta dela, o caminho todo que eu comecei a percorrer, seja tendo participado da criação de uma marca e também entrar num mundo gráfico. Em algum momento eu olhei para uma capa de vinil e me perguntei como é que aquilo acontecia, então meu maior sonho quando comecei, era fazer várias capas de álbum. E hoje eu vi que já fiz mais de dez e sou muito grato.

Sem contar que eu escrevia e já cantei também, muito pouco, mas tenho uma grande relação com a escrita, escrevo todos os dias, só pensamentos. Eu sonho um dia ter uma produtora, lá na frente. Eu não produzo batida, não escrevo mais som, porém eu penso sim em ter artistas que eu possa apoiar, porque eu gosto desse lance de poder, para mudar o paradigma, mudar esse sistema.

Eu tenho contato e troco ideia com muitos artistas, participo de vários diálogos na construção dos álbuns, eu fico até pensando bah! Que loucura! Nunca imaginei estar vivendo essa parada, de participar da construção de discos, é um dos meus sonhos realizados.

R: Que bonito! E além desses nomes, você também já trabalhou com algumas marcas brasileiras, você sente alguma diferença entre esses dois segmentos, artistas e empresas? Como pessoa-cpf e pessoa-cnpj?

G: Melhor pergunta! Risos. Eu sinto muito diferença. É bizarro o campo da moda, por exemplo, é o campo mais sujo e racista que existe na história do mundo. É triste. Eu entrei em um processo de depressão no ano passado por estar dentro desse meio. É realmente um meio muito sujo, o mais sujo que eu tive contato na vida, até dos que eu não articulo, mas tenho contato com outras pessoas. Pela grana, pela exploração, pela lavagem de dinheiro, por tudo. Essa é a grande diferença da música, porque todos os álbuns que participo de grandes artistas, estão construindo um novo mundo. E também, até a parte que eu trabalho com eles de criar a própria roupa é uma forma de modificar o sistema, enquanto a moda empurra um manequim o tempo todo, um modelo um padrão uma ideia. Quando eu comecei a acessar diversas marcas, grandes marcas, por exemplo cheguei a estar do lado aqui em POA, do maior representante da Nike no Brasil. Representante de ideia mesmo, nem é de vendas. Eles usam muito e exploram muito do mercado alternativo, e tu vê que a existência do mercado alternativo, a ascensão desse mercado, da galera produzir em casa, é combustível para eles, porque "é interessante que tenha esse produtinho, de baixa qualidade, porque quando eu chegar com o meu produto vão perceber que é melhor. E todo mundo vai se voltar para ele, geral vai compartilhar" e é real, tá ligado? Por isso que me deu uma bad, é muito difícil de desconstruir, a não ser que tu assuma esse formato deles, esteja no local de fala deles. Tem um outro ponto também, uma vez estava participando da criação de um boné e a pessoa que estava ali junto falou "vamos usar esse material porque ele remete mais ao movimento vegano", mas o boné era totalmente

produzido com animais. Só que toda essa maquiagem, ela vai criando esse efeito que o pessoal alternativo acha num produto, um produto pessoal alternativo, das artes, que era em menor quantidade e tal. A música é diferente, ela é sua voz de fala no mundo, tipo, vou viver como um corpo no mundo e falando, gritando e cantando pra todo mundo. Enquanto a marca te traz para um campo que tu não faz parte, e tu vira um bonequinho, existe um abismo aí.

AG: É toda uma estrutura, pensada cada detalhezinho para isso mesmo.

R: Eu acho isso muito doido, pensar a música. Porque é muito simbólico, a música é literalmente a palavra que sai da tua boca e a outra pessoa escuta essa palavra, né?! E pensar nessas marcas, passa por uma série de processos e de pessoas, que tu já nem sabe mais qual a sequência disso, quem é que foi, quem não foi.

G: É exatamente, enquanto a música está preocupada em pensar em cada detalhe para entender a ideia. Preciso que a pessoa me escute entendeu? Me escute e entenda que a gente faz parte de uma mudança, a gente está querendo revolucionar tudo, enquanto as marcas tentam travar essas lutas. Amanhã vai tá todo mundo no bar com um Nike. Eu não sou contra o consumo, compro, uso, gosto, vejo qualidades vejo artistas que trabalharam e admiro, separo as coisas, mas é isso, é entender o jogo, chegar lá e mudar, porque se a gente não chegar, nada vai mudar, eles são muito grandes. Eu acredito nesses caminhos como o que a Rihanna está percorrendo, a Rapiñoé que é uma jogadora américa de futebol muito foda e é isso mano, ganhar uma copa do mundo feminina, chegar na Casa Branca e falar dessa porra sim. Não é sobre tirar o pé, entendeu? Se tiver que botar uma camisetinha na Nike, eu vou botar e eu vou falar igual, é isso que a gente tem que entender, é o que eu penso. E a música é isso, cantar né. cantar. cantar. cantar.

Gustavo: E dos seus trabalhos, você diria que algum deles tenha sido mais marcante pra você e por quê?

Guile: Olha, mais marcante... é impressionante assim, tem dois que marcam muito a minha vida. Para mim, o mais marcante primeiramente foi chegar até a empresa do Emicida, foi a parada que mudou a minha vida, a Laboratório Fantasma. Chegar lá pra mim foi muito foda, eu não tinha um

grande portfólio, grandes criações e quando eu cheguei lá e tive contato com essas pessoas, pra mim foi muito doido, porque eu comecei a ver que muito do que existia na Lab eu criei, criei com pessoas que admiro, tive contatos muito massa. Foi em 2018 que tive o primeiro contato com eles, só que como era muito do que eu tinha imaginado, quando eu comecei a trabalhar vi que eles não eram tudo aquilo que eu pensei. Foi um “como assim mano, será que eu que não sou bom ou são eles que não estão conseguindo articular direito?” Então comecei a ver muitas questões de São Paulo ali presente neles. A gente aqui tem uma diferença, estamos no Sul, tem a diferença de percorrer por um caminho bem mais underground e bem mais sensível. Quando cheguei em São Paulo e vi aquilo, que ali é de uma dureza, um ouro inquebrável. Foi muito louco pra mim porque eu não curti, passou dois meses e não tinha nada a ver comigo, não fala nada sobre mim e eu não me identificava com nada. Mas ao mesmo tempo tinha o Emicida ali, que apesar de tudo isso ele é uma figura muito importante pro Brasil, e tinha a fala dele, tinha um contato. Em algum momento a gente percebeu isso, esse ruído que tinha entre nós e rompemos. No final de 2019 eles me chamaram novamente, retomamos os contatos e então saiu todos esses trabalhos que é pro Rael, pra Drika, etc... Então marcou minha vida ao ponto de perceber que coisas que são muito distantes, e muito criação do eu, um depositar muitas coisas ali tipo “essa empresa vai ser bom, quando chegar lá, nossa estourei” e não. O que eu estou vivendo hoje, que é com o pessoal do Nave, um restaurante daqui de Pelotas, o Madre Mia também, pra mim está sendo o meu maior sonho realizado, junto com o primeiro ali, porque ele mostra que eu não seria suficiente lá. A satisfação que eu tenho na minha carreira, se eu não trampasse em algum lugar que eu ache mais da hora da minha cidade, se eu não estou chegando em todos os pontos da minha cidade, pra mim não é o suficiente. Eu estava percorrendo por esses caminhos lá em São Paulo, Rio, Salvador e me sentindo vazio. Quando eu comecei a criar chão aqui, no meu terreno, criar raízes mesmo, eu comecei a me sentir satisfeito. Minha maior satisfação é poder falar para minha mãe: passa lá no Nave, tem um trampo meu. Mas entendo que os meus sonhos e essas satisfações estão muito ligados ao capitalismo, eu sempre lembro isso, a gente é movido pelo capitalismo. Eu como um homem preto é importante pra mim sim



ter minhas artes em algum ponto burguês da cidade, isso pra mim é satisfação no meu trabalho, as pessoas estão pedindo cerveja e minha arte está lá. E eu consegui perceber isso, ver que está ligado ao capital e ver que minha satisfação é mostrar pra minha mãe, pro meu pai, pro meu irmão, pros meus amigos que dá pra sonhar mano. Fui e voltei várias vezes nesse mundão até entender que o melhor lugar para a começar a voar como borboleta é onde tu está, teu chão, onde tu se identifica.

R: É quase como você chegar na sua referência e perceber que tu pode partir dali para cima.

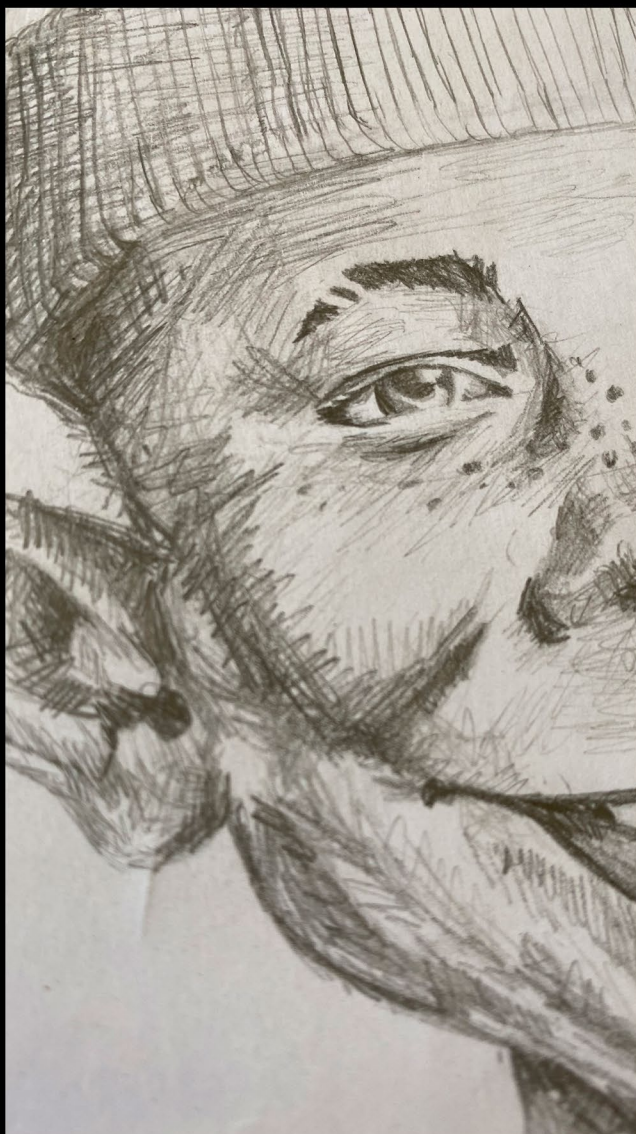
G: E, que minha referência é muito forte porque eu botei muitas coisas minhas nela, e minha satisfação está ligada a isso. Vai acabar a pandemia e a gente vai poder ir no Nave e tomar uma cerveja que eu pirei na ideia do rótulo.

R: Ah, ansiosa por esse momento... Guile, a internet hoje nos possibilita chegar a muitos lugares, como você vê a importância disso? Tu acredita nesse alcance como uma questão no teu trabalho?

G: A importância dela é muito grande. O mundo é cheio de possibilidades porque os seres humanos estão criando essas possibilidades, possibilidades não né, necessidades. O ser humano tem essa mania de criar uma necessidade o tempo todo. A importância da internet pra nós é sempre criar uma nova necessidade, nós temos que estar no controle, nós temos que articular por esse meio. Não adianta inventarem o Instagram e a gente bancar de revolucionário e achar que não vamos acessar, vamos quebrar a porra toda, vamos criar outra mídia. A importância da internet pra nós é isso, existe o mundo, existe o capitalismo e a internet, ela é hoje uma necessidade do ser humano, querendo ou não. A importância da internet é a gente entender isso, e usufruir, e trocar, e articular com esse meio, isso está diretamente ligado ao meu trabalho, eu só cheguei onde eu estou por ela.

R: É partir do que já tem, sempre pensar nesse mundo novo, mas ainda sim ter o pé no chão de saber o que a gente tem agora e o que podemos fazer agora.

G: Eu vivo pensando nisso o tempo todo, crio uma parada nova e penso que é escroto sim, às vezes a gente deixa de consumir algo que é bom para nós, porque o mundo já criou essa necessidade. Se existe o carro é porque é necessário, pois



inventaram também as vias e inventaram distâncias absurdas, então a gente vai ter que usar carro. O sistema quer isso também, ele quer que tu tenha essa revolta e que tu não consuma, mas tu vai gerar um passarinho dentro da gaiola por que você pensa que está livre escolhendo não comprar um carro e só andando de bike, mas e aí? Está chegando longe? Está conseguindo acessar mais lugares? Eu falo isso dentro da minha caminhada, tem pessoas que não vão ter essa necessidade de ter carro. Eu quero chegar longe e em algum lugar, por isso uso esses meios. Em algum momento eles vão dizer que aquilo é só pra gente escrota e tu vai negar, mas o mundo foi criado por pessoas escrotas, isso é sim um dispositivo, uma estratégia deles da gente renegar algo. E eu não vou negar não, vou tomar conta.



AG: Eu vejo que cada vez mais, mais pessoas percebem isso, estamos contaminando as pessoas com essas ideias...Você e seu trabalho já são também referência para muitas pessoas, artistas e jovens artistas (eu acho seu trabalho muito foda, sou uma dessas pessoas inclusive), como você enxerga esse papel de atuante na cena contemporânea? E, se você pudesse deixar um recado pra quem tá começando, o que diria?

G: Nossa, pergunta muito boa, me dá uns 3 segundinhos aqui... como eu me vejo... É difícil se enxergar como referência e se entender como referência. Isso vem com um conjunto de coisas e com ego. Em algum momento durante essa quarentena, eu parei e olhei, "bah! Eu acho que sou referência mesmo". Estava vendo um vídeo do Babu Santana dizendo que a fama não é a grande importância e sim você estar bem. Mas na hora, me questionei que é muito fácil falar desse lugar quando você já está na fama, todo mundo está te vendo e você falando que não é o ideal, não é o 100%, são "outras coisas". Me pergunto o que são essas outras coisas, e por que essa minha referência fala isso, será que ela fala para mim ou para outras pessoas? Cada um tem seu papel no mundo, eu acredito que eu vou chegar lá, em lugares do vocabulário do Babu, outras pessoas não vão chegar, mas não tem problema. Nisso eu penso, onde se aplica esse discurso? Então começo a perceber que esse lance de ser referência não é ligado diretamente a popularidade, mas sim de ser o primeiro a percorrer caminhos ou perguntar coisas que ninguém perguntou, ou mesmo buscar maneira de enfrentar, se abrir e se jogar no mundo, antes de todo mundo, e aí sim as pessoas vão olhar e vão dizer "Pô, massa! Eu posso conseguir também". Mas voltando, eu vejo a minha importância hoje que é potencializar as vozes, potencializar todos os tipos de vozes possíveis. O mundo tem uma diversidade muito grande, num dia está cheio de nuvens, no outro não está, em outro o céu está limpo. Eu penso que eu tenho um estilo de vida, uma visão do mundo, e como referência minha importância é potencializar as diversidades desse meu campo de visão. É difícil falar. Eu não sei exatamente como eu executo isso, como eu tenho feito, como eu tenho praticado e como deveria percorrer, mas penso na minha necessidade. É por isso que estou na licenciatura e vagorosamente sempre ali, porque penso que tem que potencializar a diversidade que eu enxergo. Não sei se respondi bem à pergunta...

AG: Respondeu sim. Essa pergunta é difícil mesmo, ela não tem uma resposta final, você está ainda em um processo, não necessariamente você vai ter uma conclusão disso...

G: Olha, eu até discordaria de você porque estava pensando aqui que eu conheço a Rafa e ela é uma referência. Prazer Rafa, tu é uma referência absurda para mim, absurda mesmo, eu acho o teu trabalho muito foda, a maneira como enxerga o mundo. Por isso que eu penso, como a gente coloca essa referência? De potencializar vozes? Sim, pode ser, cheguei em alguns lugares e posso abrir portas para outras pessoas, mas a minha visão é construída por várias coisas, então ver a Rafa e como ela se comporta, e assim como outras pessoas pra mim, é uma referência máxima na minha vida, entende? É referência que está ali com vários outros artistas, várias pessoas, vários comportamentos, é muito difícil falar e se ver como referência, tu tem tanta referência, e não são pessoas que são menos que tu, são pessoas que



estão percorrendo outros caminhos e talvez eu esteja num caminho que está disposto a jogar, que é jogar com o capitalismo, eu estou disposto a isso, a viver disso, enfrentar, ter essas bads, pegar o dinheiro na mão e largar, viver com essa perda do contrato, desse jogo sujo. É isso que tem mais visualidade? Então eu posso abrir portas para as pessoas ganharem dinheiro? Sim posso, mas não é só isso, quando o Babu disse isso, e eu pensei sobre, foi então que entendi. Não é isso, não é sobre chegar nesse lugar com dinheiro e sim chegar bem no lugar que tu imagina. Se a Rafa chegar no lugar dela e esse lugar não é do lado desses grandes artistas midiáticos que eu estou vendo, ela ainda segue sendo a minha referência máxima. Porque é sobre como se vive e não como se ganha a vida.

R: (Risos) Que incrível, fico muito muito feliz! É muito legal, porque não é ter a referência da imagem daquela pessoa, não é só imagem, é saber o que ela faz, como se comporta. Isso nos afeta muito mais, tu consegue acompanhar o processo da pessoa, saiu daqui, foi ali, e fez tudo isso, que foda. Eu fico pensando nas artes visuais, mais no bacharelado, que tem mais essa coisa forte da arte no museu, na galeria, e que é um embate que sempre se teve, mas o quanto em alguns momentos não é o suficiente, ver algum trabalho na parede, quando tu precisa conversar com a artista, quanto precisa ver vídeo, e ver como foi montado o trabalho, saber das minúcias.

G: E esse é o pior ponto no qual eu questiono o Centro de Artes e o campo das artes. Parece que tem um pedestal sempre, a necessidade de criar esse pedestal, esse ícone, essa pessoa, tu precisa jogar ela pra longe, e é isso que eu me pergunto, será que ser referência não joga para longe essas pessoas? A gente está sempre precisando de um rótulo, é design, é referência... está sempre colocando um pouquinho pra longe, sabe? Esse negócio das artes é muito interessante, a gente tem que acordar e ver que tudo é capitalismo. Quando se tem essa percepção, você começa a perceber que a Rafa, a Stefani, a Bruna, são iguais, é questão de capital. Eu posso sim ficar contente com aquilo em campo, e é isso que eu faço, sou muito contente pelo que é produzido na minha cidade, as referências que eu mais bebo são vocês, é o role do bar do zé, que eu gosto muito, qualquer lugar do mundo que eu fui, não tem melhor que o bar do zé. Eu gosto muito do Galpão, da vida que vivi lá dentro, então é buscar essa importância. É isso que eu penso de ser referência, se eu me tornasse a referência que todo mundo quer ver e fala, então é isso, vou trabalhar com dinheiro e vou

botar o Galpão no pedestal, vou botar os brothers no pedestal, vou botar meu rolê num pedestal. É por isso que a gente tem que se ligar nesse lance de referência, pra mim é muito o que está em volta. Eu falo da minha experiência com a Lab [laboratório fantasma], funcionou pra mim só quando foi do meu lado. É isso que eu penso desse mundo tipo eurocentrado, tá ligado?! É muito uma pessoa só, sozinha. Eu gosto de comunidade, todo mundo podendo trocar, aí a gente tem grandes chances de mudar o mundo.

AG: A panca que eu tirei dessa palavra, a questão de referência né, que você enxerga como um distanciamento, só que, por exemplo, em algum momento acho que ela é importante no sentido da pessoa se ver naquele lugar, sabe? Por exemplo, eu entrei no Centro de Artes, eu e o Matheus, somos com mais duas pessoas, quatro pessoas pretas na sala inteira, certo?! Aí eu vejo os meus colegas que tão numa etapa do curso mais avançada e quantos desses colegas são pretos também? Ah, tem um só e esse um tá como? Ah, ele tá trabalhando com pessoas fodas do rap, porra! Então quer dizer eu posso viver nessa possibilidade, pode ser que eu consiga também, porque essa pessoa tá aqui na minha frente agora, ela tá falando comigo. E é muito do que você faz com isso, ou você pode ser a pessoa que vira "a intocada, por que você tá lá com os top, sou top também então não fale comigo, mortais", ou você pode usar tudo isso que você tá falando pra trazer os seus. E você veio, você se encontrou aqui né.



G: Chegar nesse lugar e desconstruir como foi posto. Meu propósito de vida é esse: chegar num lugar e mudar ele.

AG: Seria muito melhor se a gente destruísse a porra toda e todo mundo tomasse consciência e destruir o sistema inteiro, só que a gente, num momento histórico que a gente tá, a gente tem que penetrar nesses cantos e indo aos poucos pra poder modificar alguma coisa, que de fora "deles", eles nem escutam a gente.

R: É o trabalho de base.

G: E esse lance do... voltando só no ponto do capitalismo, eu entendi muito dele, através de cursos e leituras, que o capitalismo surge e ganha força com a venda escravos, a venda de corpos pretos. Então eu comecei a ver essa parada, desse poder capital que escolhe quando sim, quando não, como ser e não ser. Então acho que muitos termos, muitas coisas, tão sempre partindo por esse ponto capitalista, por isso que eu penso, mano, a referência ela se torna bonita pra mim quando ela funciona em comunidade! Se a referência ela tá no rolê contigo e não é um 'ah, eu não posso colar hoje, nunca dá, não vou gravar, não...' então é mais sobre realmente mudar esses termos. Entender que existe o capitalismo e que eles definiram como e quem vende corpos, tá ligado?! Eu quero mudar realmente esse controle que existe sobre o meu corpo e o corpo de várias pessoas. Meu papel como referência é esse, eu quero potencializar todas as vozes pra que todos entendam que todos nós somos referências, a diferença são os caminhos que a gente percorre. E tem alguém que chegou mais por questões capitais e só. E não por questões de ser. Eu só estou do lado de grandes artistas fodas porque o capital define eles como grandes artistas fodas e que eles funcionaram dentro desse sistema. Mas poderia ser o André e poderia ser a Rafa. É lembrar disso o tempo todo, tá ligado?!



AG: Não pra entrar e mudar, entrou pra estar lá dentro.

R: É muito bom que a gente tá falando de vida, desse sistema e da onde a gente tá imerso agora, então é muito possível que a gente veja isso na nossa própria vida né?! É palpável. Eu consigo entender que a conversa que eu tive agora vai enfim gerar coisas lá frente, assim como a conversa com a minha avó há cinco anos atrás também, sabe? É referência também. Muito engraçado que esses dias agora eu tô entrando na fase do tcc, só que eu nunca começo de fato porque em muitos momentos eu me pego pensando e muito mais preocupada em como eu vou começar meus agradecimentos do que o restante. Fico pensando ah! Tenho que agradecer o Renan, a Jéssica, e tal pessoa, tal pessoa... Eu nunca começo escrever sobre a teoria lá lá lá da arte do desenho, porque me parece mais importante que eu fale de onde que eu comecei a perceber as coisas, da onde que veio, com quem veio, como foram as conversas que me faziam pensar em um trabalho e como que uma conversa sobre o capitalismo, e outras coisas, me fazem visualizar coisas e imagens, e o quanto essas imagens podem se tornar outras imagens e passar pra outras pessoas, e aí gerar outras conversas... Muito doido porque na real estando imerso nesse sistema, a gente esquece dessa potência, que é da conversa, do afeto, do estar junto, de conhecer uma pessoa há três anos e ver as coisas que ela faz há muito tempo, há pouco tempo e poder comparar e conversar sobre isso. E é, né?! O capitalismo ele também trabalha pra nos podar nesse sentido.

G: Total, total. Gostaria que só, voltando ali no André, pô, se ele me vê como referência é - não sei, vai ver já aconteceu essa separação - mas entender que, o que me difere de outros, é porque eu quis jogar esse jogo. Eu sou capaz de muitas coisas, assim como todos os homens pretos, mulheres pretas, mulheres brancas e homens brancos também, todos somos grandes com uma possibilidade enorme de conseguir conquistar o mundo, mas é entender a disposição que tu tem pra participar de algo. O que me coloca num lugar hoje é a minha disposição de jogar esse jogo, eu não tenho medo de sofrer por isso. É bizarro! Isso me assusta, isso seria pra mim, o meu maior defeito hoje como ser humano a minha disposição enorme de jogar. Por que às vezes eu até esqueço coisas que são simples assim do tipo comer uma banana, tá ligado, eu to comendo, mas se o jogo não tá funcionando, eu já mastigo ela estranho, entendeu? É isso que eu gostaria de falar sempre pras pessoas, é sobre se dispor a algo e não sobre ser. Porque tu é grande irmão, todo mundo é grande, eu só quis jogar o jogo.

G: Sim, sim, eu tô ligado. É... a gente tem que saber se enxergar nas coisas, e saber onde a gente tá, da onde a gente veio e pra onde a gente quer ir. Nunca perco isso em mente.

R: Vamos pra última... Repescagem já. Como é pra você revisitar seus trabalhos em certa linha do tempo? E, tem alguma história ou percepção em particular que te emociona, dos teus trabalhos, da tua trajetória?

G: Como é revisitar... Olha a primeira coisa que veio na cabeça é que na quarentena revisei muitos trabalhos e se eu me olhasse hoje... Bah! Diria que esse aqui não tem futuro, esse aí não vai dar certo. Risos. Sério! Eu olhei um trabalho e era muito ruim. Mas falando de uma camada mais profunda, eu acho que meu trabalho, ele respira. Ele foi ligado com a vida o tempo todo e nunca teve distante de todos os meus momentos, todas as trocas que eu tive e toda vez que eu vou revisitar um trabalho é tipo voltar ao que eu tava vivendo na época e eu fico muito feliz porque eu transpiro isso nos meus trabalhos, tá ligado?! Eu consigo enxergar e entender as cores que eu usei, a maneira que eu resolvi encaixar as coisas. Eu vejo que eu sempre fui fiel ao que eu tava vivendo, tá ligado?! Nunca procurei criar um outro personagem pra desenvolver um trabalho e isso pra mim é o mais massa de revisitar. Vocês vêem, tão vendo, eu falo muito de vida né, eu sou muito ligado a vida, a arte ela só é um mecanismo pra tudo que eu sinto. E eu gosto muito de tá vivo e de fazer várias paradas.

AG: Dá pra ir enxergando os caminhos que te trouxeram até aqui e não se perder né?! É muito fácil a gente se perder em nós mesmos. E esse tipo de coisa é lembrar de si mesmo.

G: Quando chegou o convite da entrevista pra mim eu já revisei. Fico pensando quando eu tava fazendo um trabalho e pensando 'pô, um dia eu quero que me perguntem sobre ele', e não por que a pessoa vai dizer que é o bagulho mais foda, mas porque existem outros pontos de vista. Pra mim ver esse trabalho que vocês fazem é uma potência mesmo. Por isso que eu volto no ponto da referência, a minha voz só é potencializada porque existe pessoas como vocês, tá ligado?! E existe uma voz potente porque existem pessoas como eu também, e aí todo mundo contribui, todo mundo é potente, todo mundo tá junto, todo mundo é um corpo no mundo. Penso muito na perspectiva de comunidade, gosto muito dessa palavra.

R: Ia falar isso também. É muito bonito o que essa conversa gerou. Que isso possa acontecer mais vezes, seja do jeito que for. Seja virtual, seja na mesa do bar... "mini-comunidades".

G: E, o mínimo que a gente conseguir falar, o mínimo que a gente conseguir potencializar, já é um ganho. É muito massa! Tô muito feliz, muito feliz mesmo.

AG: A gente tem que fica brocadão. Todo mundo junto!



R: Concentrado!

G: É isso!

[...]

G: Da hora! E como tá sendo pra vocês essa experiência de conversar com as pessoas, ver o mundo e a perspectiva que elas têm das coisas, como tá sendo pra vocês?

AG: Está parecendo mais uma conversa, é que a gente tem um direcionamento aqui, mas eu to meio que absorvendo isso enquanto Gustavo sabe, enquanto André Gustavo e não enquanto 'estou trabalhando pra peteleco', sabe?

R: Acho que muito do que tu falou, em como é entender arte, em como é ver que se tá imerso em tudo isso, e que tem uma série de protocolos que a gente segue, que nem se liga, são esses processos de ir entendendo as coisas juntos. Desde que eu entrei na faculdade com uma cabeça e a cada dia foi um "Naãao, não é assim! É de outro jeito. O mundo não é esse.". E, é muito bom, porque a gente aprende muito te ouvindo, se ouvindo. Eu aprendi muito agora te ouvindo, muito especial, muito bom ouvir que pra ti eu sou uma referência porque pra mim tu é uma referência absurda também! Tô sempre falando: - "Mano! O Guile!!!" e chocada com cada trampo seu. É muito gratificante mesmo, acrescenta demais!

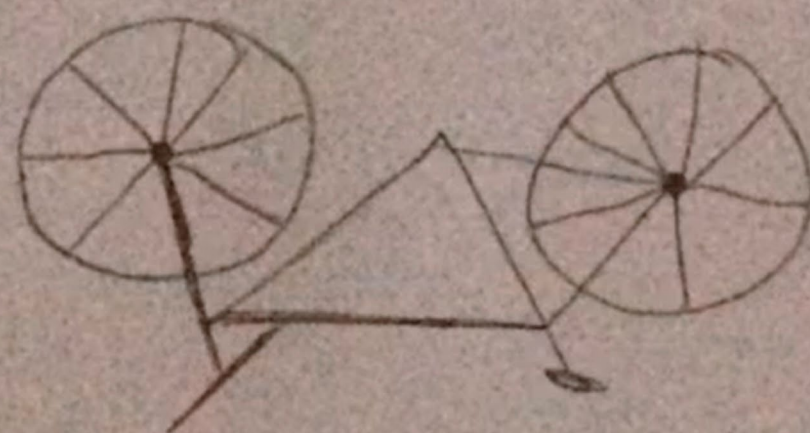
G: Eu fico muito feliz, sem palavras, a única coisa que eu posso falar agora é: uma mesa de bar e um copo de cerveja. Mas conversando muito, tá ligado?!



CHAMADA VÍDEO ARTES VISUAIS



os vídeos seleccionados para essa edição da chamada aberta estarão disponíveis no canal do pet artes visuais, no youtube. clique [aqui](#) para acessá-los.



70



quatro maneiras de buscar um corpo

/

bárbara armange

sinopse: existe a máxima de que se você não sabe de onde veio, também não saberá pra onde ir.

eu não sei de onde venho, esse disparo é um som quase imperceptível, esse lugar é um espaço difuso, incapturável, fugidio, caduco. de modo que uma flecha sempre está apontando para esse complexo, como uma necessidade de conformar um tanto mais o corpo no mundo, mas não o corpo físico, o outro.

roteiro e direção: bárbara armange; montagem e edição: bárbara armange; câmera: thiago engers;



marítimo / gabi faryas

sinopse: "o mar é território, líquido como meu corpo. O mar é íntimo, assim como as lembranças que por ele atravessaram. Quais as sensações que vem ao ficar diante dessa imensidão? Quais memórias são acessadas no externo y no interno de um corpo cheio d'água, na carne, no meu marítimo?"

tempo de duração: 5"20'.
descrição: trabalho realizado com projeção, áudio e dança.



um lar sólido

/

amauri

sinopse: algo se instala por dentro da pele do travesseiro e nos pede um corpo. o que do íntimo podemos traçar pra fora?

vídeo digital, 2'10" por @amaurietc



papo povera #

/

coletivo casa povera

sinopse: os "papos povera" são videoartes com vídeos de nosso arquivo visual junto a áudios de diálogos gravados pela vida. Vídeo e áudio de fontes paralelas num take sem cortes, assumindo o risco do acaso ser harmônico ou não.

vídeo: casa povera @excasapovera



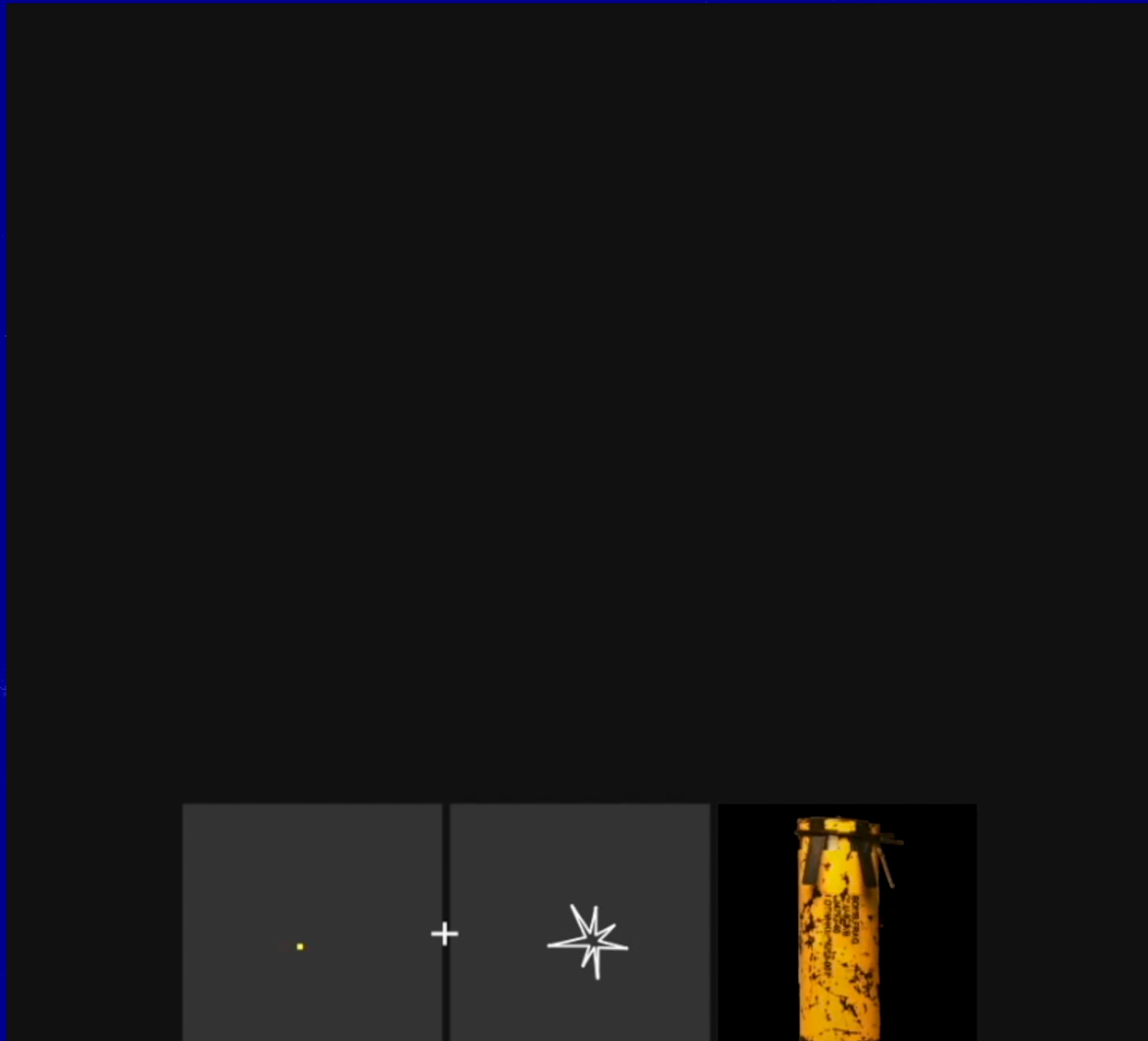
sinopse: o trabalho trata-se de compor uma fundição entre as diferentes camadas corpóreas e o esgotamento desse caminhar.

projeto, câmera de celular e computador / @darablois

turbação

/

darablois



sinopse: ao aproximar duas imagens afastando-se do empirismo, pontos finais e estrelas tornam-se semelhantes: ponto contrastante em superfície inteiriça. os rastros que deixam, entretanto, os colocam novamente em lugar de distinção.

texto: gabrielli motta @briegabrie e beatriz hubner @beahubnr; edição: gabrielli motta; narração: beatriz hubner

ponto estrela / gabrielli motta e beatriz hubner



si mañana podría no estar

registro visual feito por mel @paivabalcazar
edição feita por mel @paivabalcazar
sons e ruídos produzidos em colaboração por mel @paivabalcazar e @cura.uy
texto escrito por mel @paivabalcazar

el tiempo/ o tempo / mel paiva balcazar

sinopse: uma perspectiva pessoal do tempo,
montevideo, uruguay



sinopse: raíz é a quarta música do álbum experimental "sussurro" da banda e projeto audiovisual anti-ontem, composto e gravado durante a pandemia de 2020. Perseguindo e ampliando os detalhes do corpo como um olho que abre e fecha sem se fixar, as partes do corpo tiradas de escala se convertem em linhas e texturas, numa proximidade que sugere sensações táteis

raíz / julia pema e gabriel amaral

imagem e som: julia pema e gabriel smaral

GP_CORPO_IMAGEM_SOM

Em minha trajetória acadêmica e artística tive a oportunidade de atuar em diferentes campos disciplinares, assim como colaborar com artistas de diferentes áreas, como as da música experimental, da arte sonora, da artemídia e da dança contemporânea. Com o passar do tempo minha formação, inicialmente no domínio da música, foi se transformando e aos meus processos de investigação práticos e teóricos somaram-se inquietações que diziam respeito não apenas ao uso do som como meio expressivo, mas também as imagens e o corpo.

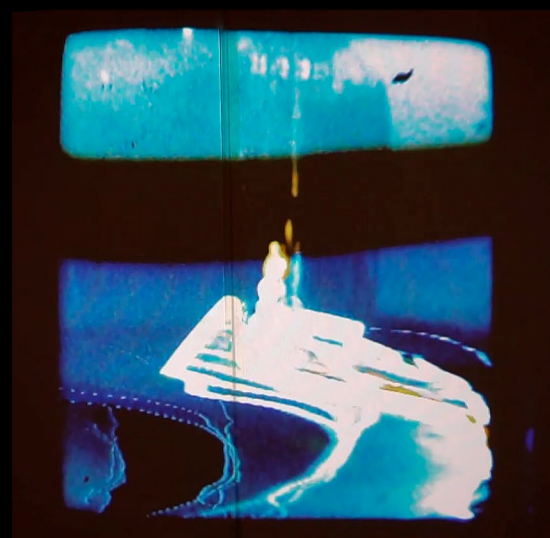
Foi esse território que visava contemplar ao iniciar o grupo de pesquisa "Corpo-imagem-som: pesquisa artística e práticas experimentais" (CNPq) na UFPel no ano de 2018. Partindo da não hierarquização dos meios de expressão, das técnicas e dos sentidos no contexto da criação artística, objetivei constituir um espaço transdisciplinar em que poderiam ser desenvolvidas pesquisas dedicadas a práticas experimentais. As quais, em suas manifestações híbridas, ampliam as concepções já cristalizadas nos campos da música, das artes visuais, do cinema e das artes cênicas. Algo que é reforçado no contexto da artemídia, particularmente pelo uso das tecnologias digitais que permitem a tradução informacional do mundo físico a uma raiz comum, possibilitando uma variedade inputs e outputs. Também se somam neste contexto, a subversão crítica e a ressignificação de meios comunicacionais

A medida em que as pesquisas de pesquisadores da UFPel e de outras instituições avançaram junto ao grupo, alguns paradoxos presentes na proposta inicial vieram à tona, criando alguns impasses de difícil resolução. As práticas experimentais estudadas até então pareciam sofrer de um processo de auto-reflexão, ao mesmo tempo em que buscavam romper com os práticas consideradas tradicionais do campo da arte ocidental, se voltavam a elas e as reafirmam, como em uma espécie de retrato em negativo. Os chamados "campos expandidos" da criação artística experimental dão continuidade a debates bastante específicos de um repertório construído a partir de um único ponto de vista, o do Norte Global. Revelando assim, a imagem narcísica de um campo que se pensa como universal e reproduz sistematicamente invisibilidades e silenciamentos, sustentados pela pretensa superioridade branca, masculina e cisgênera.

Analisemos por um instante a própria mediação tecnológica citada anteriormente, sua viabilidade nos termos conhecidos hoje é sustentada por um contínuo processo de imperialismo europeu e estadunidense perpetrado em países do Sul Global. Além de fornecerem a preços módicos seus recursos naturais, bem como mão de obra barata e passível de ser precarizada, esses países recebem toneladas de lixo eletrônico de aparatos considerados obsoletos. Em nome da chamada infraestrutura tecnológica global, por exemplo, são construídas usinas hidrelétricas em florestas tropicais, expulsando e aniquilando os povos originários que vivem nestes territórios e destruindo toda a biodiversidade ali presente.

Diante destes empasses o grupo de Corpo-imagem-som se vê diante da impossibilidade compreender a arte separada do tecido social no qual ela se insere, iniciando um novo ciclo investigativo por meio do projeto de pesquisa "Para sair da grande noite: uma abordagem transversal das relações entre experimentalismo, tecnologias e geopolítica no campo da arte".

O grupo dedica-se atualmente a estudos teóricos de pensadores e pensadoras do Sul Global de diferentes áreas, como a filosofia, ciências políticas, antropologia, estudos culturais, além da própria arte. Objetivando a compreensão e a difusão de perspectivas epistemológicas contra-coloniais e de repertórios artísticos plurais.



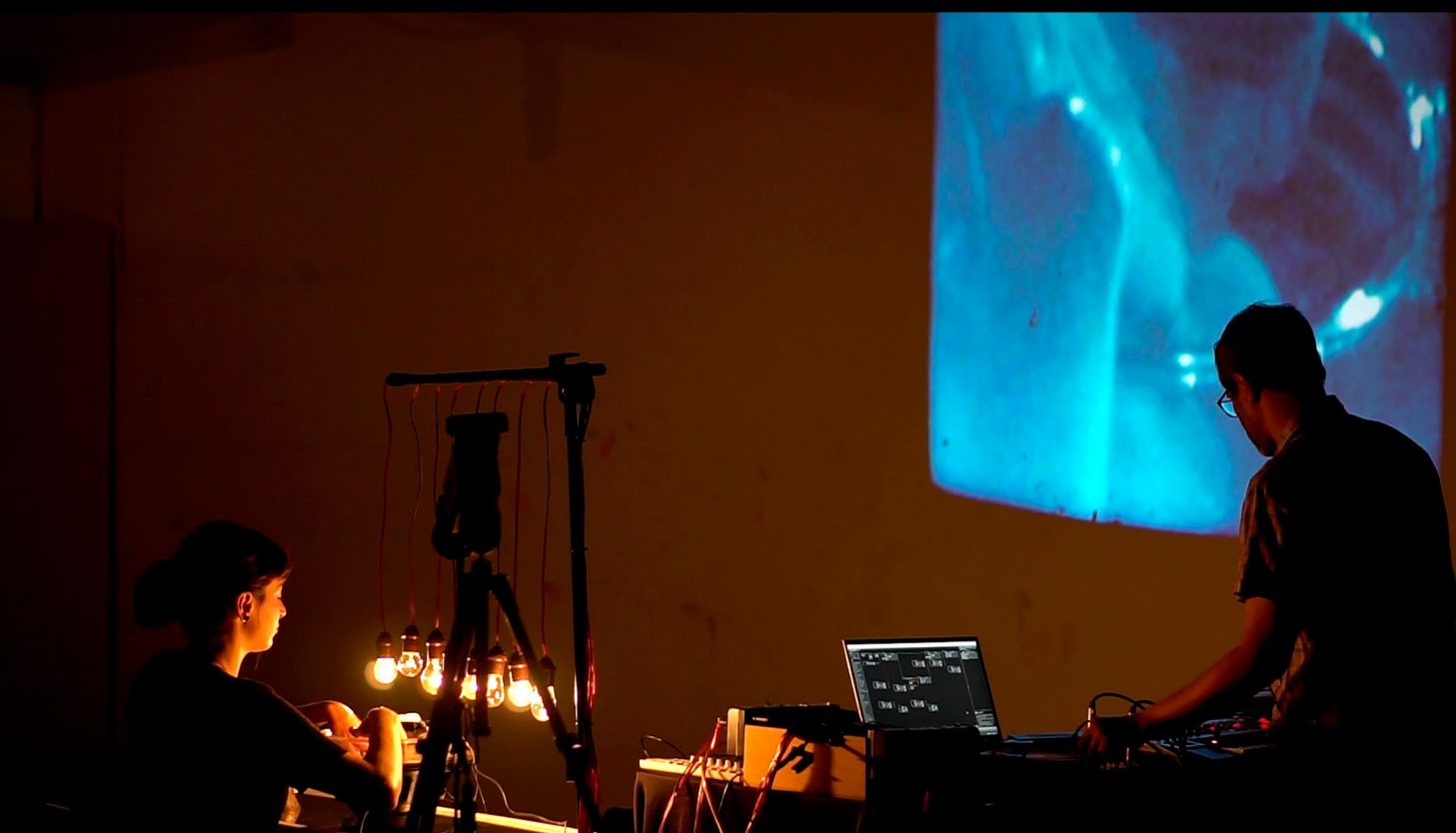
A seguir o pesquisador Lucas Moura Barboza e as pesquisadoras Luna Girão, Giulia Rizzatto e Andy Marques apresentam suas experiências de atuação junto ao grupo

[Lucas Moura Barboza]

Tive meu primeiro contato com o grupo Corpo-imagem-som em 2019, na ocasião fui atraído pela proposta de relacionar diversos campos e áreas de conhecimento. Sou aluno do curso de museologia, que tem as Ciências Humanas como eixo NORTEADOR, assim integrar um núcleo que tem a transdisciplinaridade e a pluralidade de pensamentos como pauta, serviu como um novo eixo, agora SULEADOR. Colocando em xeque minha existência dentro das paredes da academia enquanto um corpo preto.

Vindo do contexto das periferias de São Paulo, assim como parte dos estudantes da UFPel, encontrei neste núcleo espaço e autonomia para trazer e discutir temas que são caros às comunidades periféricas, não apenas de São Paulo. Considerando que dentro do ambiente acadêmico muitas ideias e pensamentos são podados antes mesmo de aflorarem, estar em um espaço em que as diferenças são substrato para pensar e repensar questões, é quase um privilégio. Atualmente, tenho direcionado meu interesse enquanto pesquisador, às manifestações populares e periféricas que tem no som e na música seu fio condutor, como as manifestações dos Sound Systems (sistemas de som) e do Tambor de Sopapo. Esta última, uma manifestação cultural afro-gaúcha e de trajetória mais que consolidada na cidade de Pelotas.

Em 2020 passei da condição de voluntário para bolsista, o que não afetou meu interesse nem meu comprometimento, porém, tornou ainda mais significativo meu engajamento junto ao grupo.



[Luna Girão]

Pensar na minha experiência com o Corpo-imagem-som me transporta para diversos lugares. Busco encontrar, quando percebi que meu corpo fala alto e tem uma carga que cruza o leve e o pesado. É como uma longa piscada de olhos... e pronto, fui carregada para mil e uma experiências que tive que significam o que nem sei - e vejo a pesquisa como um caminho para tentar descobrir tais respostas e continuar gerando novas questões.

Durante minha dose diária de sol, deitada em minha cama com a cortina entreaberta sobre minha cabeça, pude ver a luz entrando e sendo dividida pelo tecido, pude sentir o calor tocando onde alcançava do meu corpo e o frio pelotense no restante.

Pisquei. E ainda estava sob a cortina e o sol, deitada em um banco. Era o banheiro da escola qual passei meu terceiro ano do ensino médio. Lembro de estar evitando alguma aula e de não me importar em passar os minutos sentindo o calor dançando sobre meu rosto. Uma dança entre o vento e a cortina, entre o sol e o meu rosto.

Dentro dessas viagens que realizo no íntimo das minhas memórias, percebo essa comunicação através do olhar. Uma comunicação com o meu corpo, uma que foge das palavras mas fala alto. Acabo por questionar qual o fruto desses diálogos. Afinal, é uma linguagem que não somos ensinados a dominar? Penso nas reações individuais, no entre, no que é dito em silêncio. É o que acontece como reação e o que causa. E o grupo de pesquisa está em algum lugar deste entre também. É em conjunto em um projeto onde propõe-se pesquisar essa linguagem, é ouvir outros corpos e o que eles geram.

É explorar o que chama, é pesquisar junto.



Pele / 2020 / Luna Girão
Local: Corredor 14, Pelotas - RS



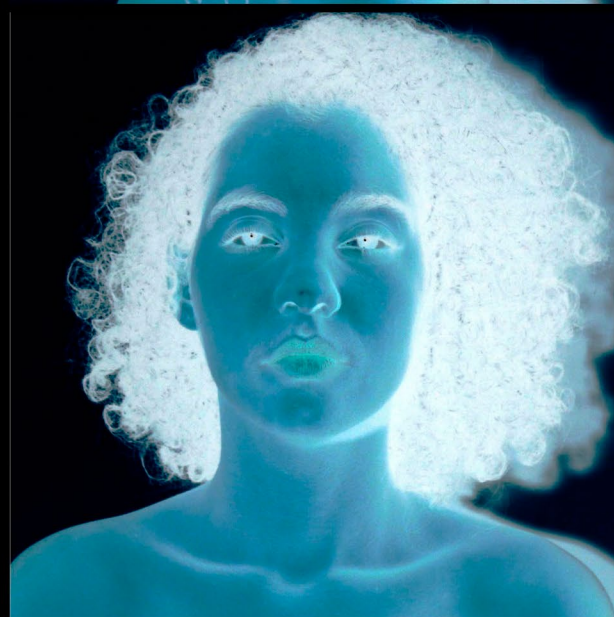
[Giulia Rizzato]

As maneiras de se produzir arte mudaram radicalmente desde o surgimento das tecnologias comunicacionais. Neste sentido, é possível perceber como as artistas e os artistas se utilizaram dos meios tecnológicos para propagar críticas aos sistemas vigentes e propor mediações entre diferentes contextos sociais. A tecnologia pode ser utilizada tanto enquanto suporte, quanto como ferramenta de democratização e ação direta na sociedade.

A partir das pesquisas desenvolvidas no grupo de pesquisa, pude concluir que ao nos apropriarmos dos meios tecnológicos é possível subverter e ressignificar suas funções, buscando se opor as consequências do sistema capitalista em prol da democratização e propagação dos saberes. Pude igualmente observar em trabalhos de artistas como Daniel Lima, Renata Sampaio e da Plataforma eXplode, a referência a distintos territórios da vida social e de práticas tecnológicas, os quais têm seus elementos reconfigurados a fim de construir por meio da arte um ponto de vista crítico aos padrões culturais hegemônicos.

Percebe-se que com a apropriação da tecnologia no contexto de artemídia, por meio de linguagens populares como o audiovisual e aplicativos de dispositivos móveis, como a arte pode traçar percursos junto à sociedade, expandindo práticas de consciência coletiva e estimulando pensamento crítico e político.

[end]



Negativa / 2017 / end
Local: Pelotas - RS

Spoiler se apresenta como uma prévia daquilo que mais desejamos, a revolta popular e a ação diante dos constantes abusos dos Estado e de uma minoria privilegiada. A ideia é que a ação tome outras cidades na tentativa de tirar as pessoas de sua rotina castradora e hiper-normalizante. Se trata de uma série de performances que propõe a reflexão coletiva sobre o comportamento humano, buscando questionar relações disciplinadoras e suas consequências no âmbito social, nas esferas micro e macro políticas. Buscando sobretudo, uma experiência de quebra da passividade dominante.

Visa trazer por meio de ações coletivas a ideia de autonomia dos corpos e do pensamento, assim como questionar onde estamos dentro do sistema que nos oprime. Aqui, o sistema é pensado de inúmeras formas visando não só o aspecto do capital, mas tudo aquilo que faz com que ele permaneça como regente das vidas que levamos: o racismo, o machismo, a lgbtqia+fobia etc.

O disparador dessa performance são os frequentes ataques a nossa democracia e a demonização de movimentos sociais, além dos assassinatos da vereadora Marielle Franco e de Anderson Pedro Gomes, por figuras comprovadamente ligadas ao Estado.

Spoiler (01) / 2019 / VIGA
Local: Centro de Pelotas - RS

Spoiler (01) - 2019

A proposta de performance, idealizada por VIGA (end e griz), é uma ação coletiva desenvolvida a partir dos seguintes passos:

1. Escolha um local público com maior frequência de transeuntes.
2. Reúna pessoas insatisfeitas com o cenário político, com seus empregos, com as opressões cotidianas, ou com as ideologias dominantes.
3. Encontrem-se em um horário pré-definido munidos dentro de si com tudo aquilo que os leva à beira da loucura. É importante que a ação seja construída de modo a não parecer que as pessoas tenham relação umas com as outras. Para isso é importante que as pessoas passem a sensação de que já estavam no lugar escolhido fazendo ações cotidianas (compras, pagando contas, entrando e saindo de lojas, pedindo informações etc.).
4. Surtem a sua maneira iniciando uma sequência de gritos com intervalo de 3 segundos de um para o outro. Gritem de modo a expurgar aquilo que lhes bloqueia a garganta, liberando o grito até o fim de seu fôlego.
5. Cada performer tem direito a um único grito. Nele deverá expressar o máximo daquilo que o (a) incomoda.
6. Após o último grito voltem para suas respectivas rotinas deixando o espaço ainda de forma a não parecer que tenham relação entre si.

Observações: É importante que toda ação seja registrada e seja encaminhada para os email spoiler.performance@gmail.com; Não é necessário estar "uniformizado" (ex.: todos de preto); Qualquer pessoa pode executar a ação, desde que siga as instruções corretamente, não sendo necessária a presença das idealizadoras da proposta no local; É importante que não haja depredação do espaço público no local por parte dos performers; É necessário que haja uma lista com os nomes dos performers participantes da ação por questões de segurança dos mesmos (enviar a lista para o email spoiler.performance@gmail.com juntamente com os registros da ação, havendo ciência que ao participar da performance a(o) participante estará autorizando que sua imagem seja compartilhada publicamente).





[Todes]

Observando os dois anos de trajetória do grupo de pesquisa Corpo-imagem-som, nos parece que o elemento catalisador que reúne as pesquisas das integrantes e dos integrantes do grupo é a incessante busca por compreender os curtos-circuitos gerados pela arte no tecido social. Cada um dos diferentes componentes dessa trama - as tecnologias comunicacionais, as práticas experimentais, o entrelaçamento dos sentidos e das disciplinas - podem apenas se afirmar em meio ao contexto sócio-cultural que os englobam, por vezes esfacelando as velhas certezas e os velhos hábitos do conservadorismo acadêmico e artístico. Conservadorismo que ainda hoje sustenta os instrumentos de poder e de manutenção de privilégios da neutralidade e do universalismo de certos cânones do campo da arte.

Nossos métodos vão na contramão das histórias contadas apenas de um ponto de vista e afirmam as pluralidades de concepções de mundo, de repertórios e de práticas. Não se trata de uma postura meramente ecumênica, mas da afirmação radical de que é preciso ouvir outras vozes e reconhecer outros saberes. O campo da arte não pode seguir sendo parte de um simulacro colonial, construído por meio do apagamento e do silenciamento daqueles que não se enquadram no fundamentalismo branco, masculino, heteronormativo e eurocêntrico. É preciso mudar, é preciso deixar de projetar a assepsia dos cubos brancos nas vidas e nas existências.

Por fim, agradecemos a todes que passaram pelo Corpo-imagem-som em seu breve tempo de existência, trazendo suas contribuições e principalmente suas inquietações para nossos debates.

Algumas das performances realizadas pelos integrantes do grupo estão disponíveis no youtube. Clique [aqui](#) para acessá-las.

@gp.imagensom

conheça uma artista jessica porciúncula

jessica porciúncula



Jessica Porciuncula (1992), artista visual e produtora cultural desde 2012, formada em Artes Visuais pela UFPel em 2018, residente de Pelotas e natural de São Luiz Gonzaga-RS-Brasil. Atualmente investiga questões relacionadas à identidade e território, nas esferas do pessoal e nacional, do político e poético. Partindo dos condicionamentos de um ser-estar Brasil, das relações entre os corpos, o espaço, o vestuário, os objetos e materiais capazes de tecer simbologias.

Atualmente atua nos coletivos:
 Lua Sangrenta fm 104.5, programa de rádio
 Antessala, produtora audiovisual independente
 Molde | arte moda conceito, arte contemporânea
 Nuvem, atêlie nômade de produção visual

* fotos por Bruna Silva



2018
LATÊNCIA L4T3NC14 LTNC4314
 Exposição Individual, no Corredor 14
 Exposição individual que acompanhava a
 banca de defesa de conclusão, no curso
 de bacharelado em Artes
 Visuais pela UFPel.

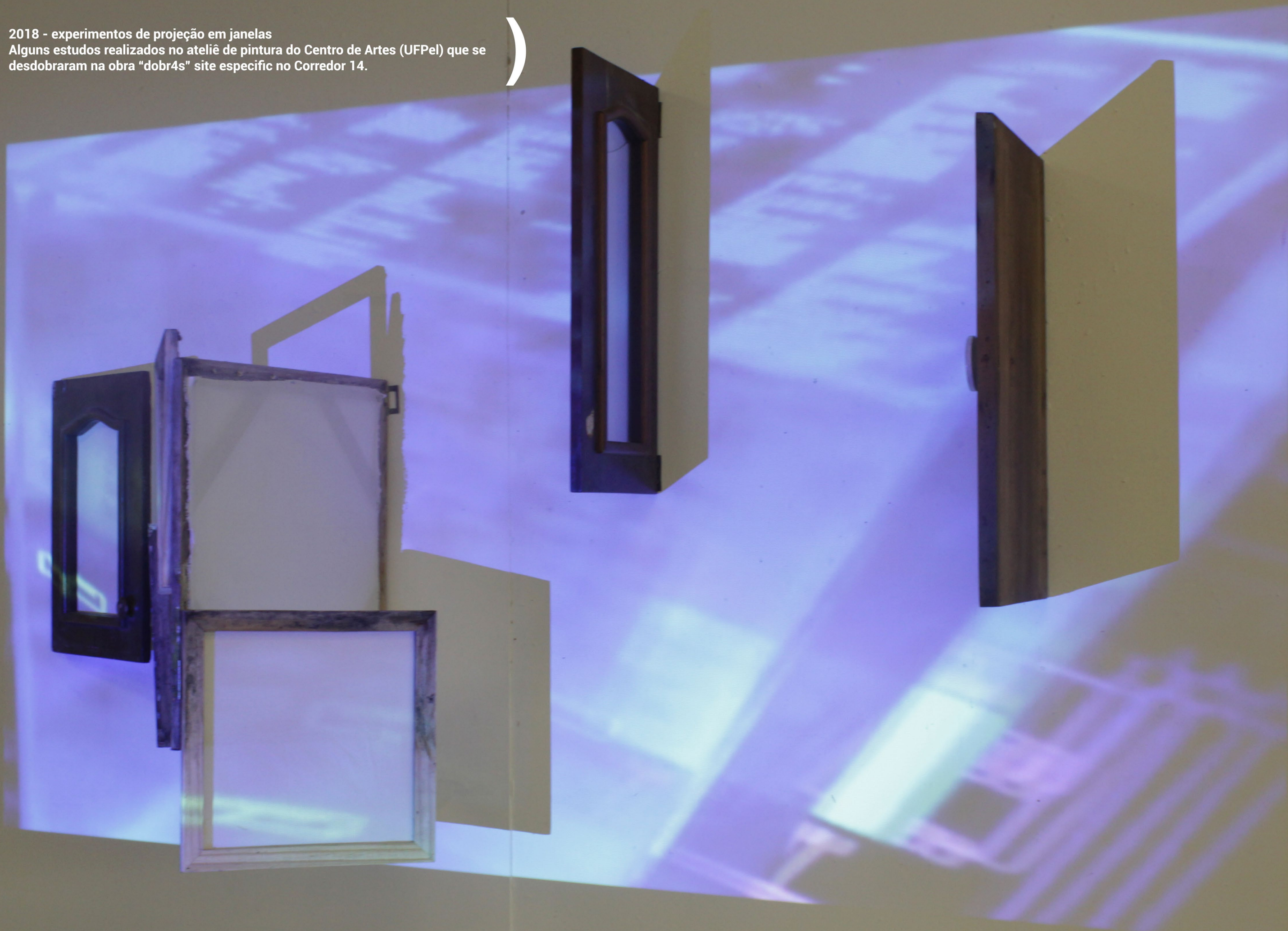


Dobras, 2018

Site específico

Um vídeo instalação no corredor do espaço. Oito janelas brancas e marrons de vidro. Dispostas em determinada sequência e altura, no decorrer da passagem que liga os ambientes do espaço. Presas na parede por dobradiças, são portanto: articuláveis. Quando estão abertas, fecham o espaço, criando um labirinto no corredor. Quando fechadas, encostadas na parede, abrem caminho e passagem no espaço, compondo a imagem ao redor. Além disso, um vídeo é projetado sobre as janelas e corredor. Vazando até o fim dos cômodos, correndo. O contato da luz nos vidros em movimentos dobra e desdobra as percepções do espaço. A visualidade do vídeo tem foco em colagens digitais, usando de gifs sobre informática e recortes de cenas do filme "Hackers" (1999). Promove mudanças de camadas de cores que se repetem em outros audiovisuais e obras da exposição, como azul e laranja. Meu interesse parte das múltiplas relações que se pode fazer, a partir da sobreposição de janelas reais e digitais no mesmo espaço. Permitindo ao espectador penetrar, andar entre, acessar as várias faces que a obra pode proporcionar. Imersa e molhada por uma cultura de apropriações e remix, que procuro investigar as colagens e aberturas que pode ter a partir da expansão do conceito da janela para além da arquitetura tradicional, sendo que acessamos janelas todos os dias na busca de informações, comunicação e imagem.

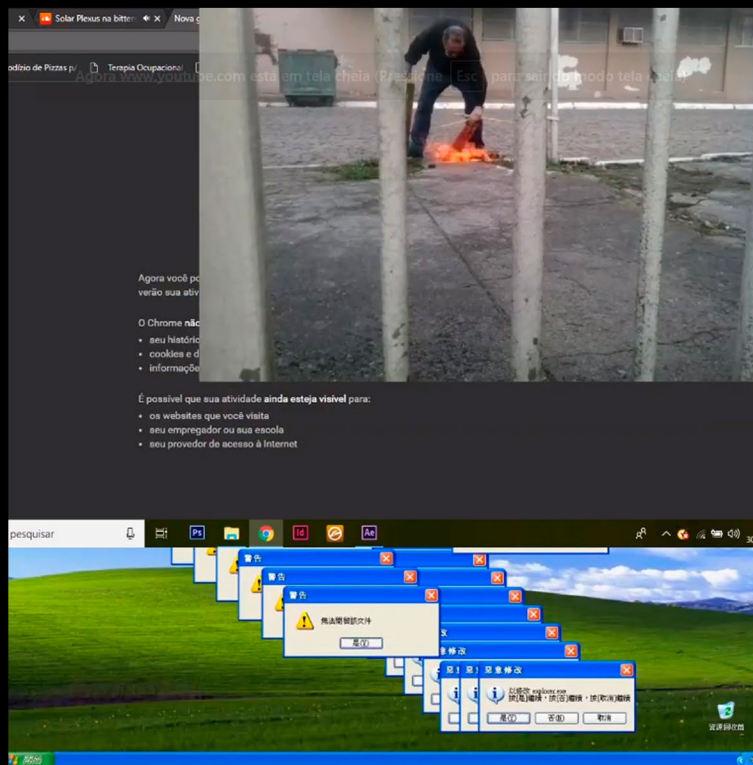
2018 - experimentos de projeção em janelas
Alguns estudos realizados no ateliê de pintura do Centro de Artes (UFPel) que se
desdobram na obra "dobr4s" site específico no Corredor 14.



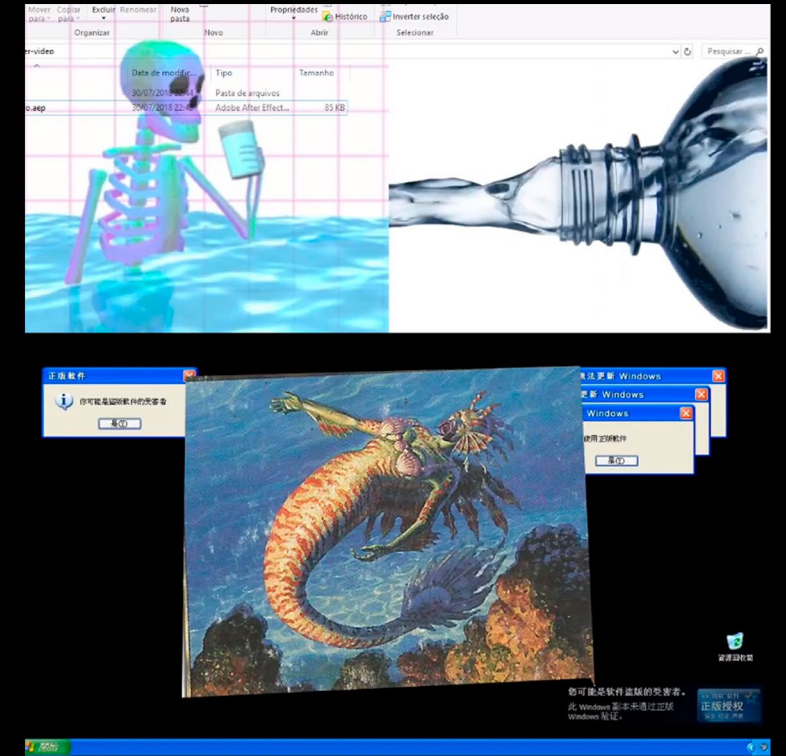
"F8nt3", uma mala de amplificação sonora nômade, faz parte da série intitulada "Malandra". O projeto foi realizado no Atelier de Gravura do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) de junho à setembro de 2018, em parceria com pesquisa "Gravura artística e engenharia digital: o trabalho de equipe em experiências multidisciplinares". Esta pesquisa está vinculada ao grupo "Percurso Poéticos: procedimentos e grafias na contemporaneidade" (CNPq/UFPel). Encontro de duas pesquisas dentro do atelier de arte e engenharia: uma na produção do acadêmico em engenharia de controle e automação Geison de Lima Martin, que coordenou em 2017 a construção de uma caixa amplificadora de som portátil como solução alternativa aos equipamentos da universidade em sala de aula (MARTINS, 2017); a outra pesquisa é nas relações entre o som e o objeto da artista Jessica Porciuncula que se junta ao grupo, com interesse na experimentação da colagem de materiais e de suas tecnologias, uma investigação e produção sonora no campo das artes visuais contemporâneas.



* fotos por Jordan Romano



no campo espacial
o trampo na abertura
da escultura digital
da pintura sideral desse sistema
ser operacional nesse poema
ver a dobra no problema
no acessar da obra
me encontrar na sobra
instalar mais um programa
virar um holograma
desfazer a maldição
na edição de imagem
na criação de som
a intuição me disse o tom
desfazendo todo chão
me deixando nesse vão
vendo por sua tela
os erros em janelas
de dentro da linguagem
o abismo que existe
no centro da imagem
vou até a margem
mergulhar magenta
desvendar a ferramenta
o processo que alimenta
que fomenta o universo
alimenta o meu processo
libera o acesso
desse plano escondido
na onda expandida
dessa vista distorcida

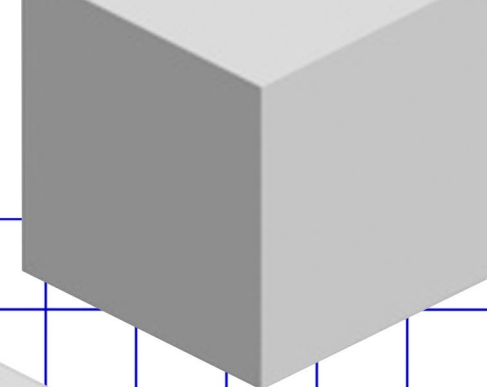
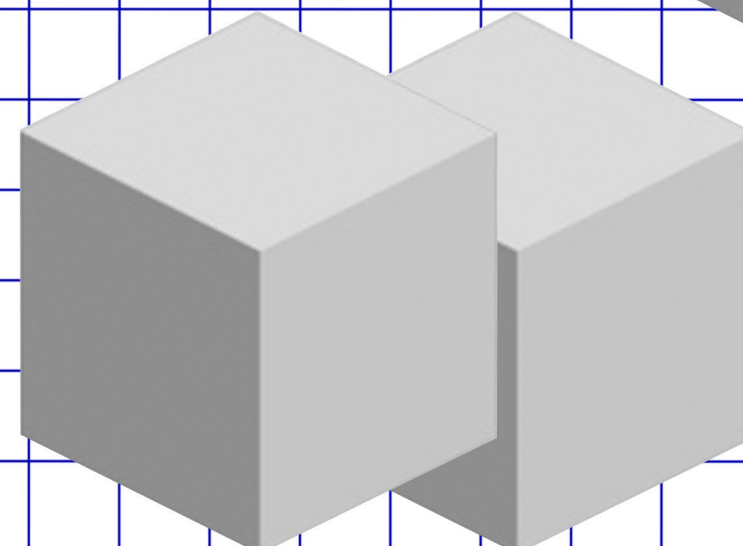
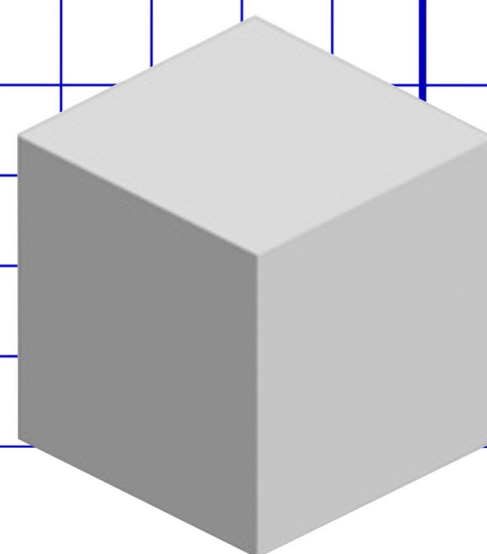
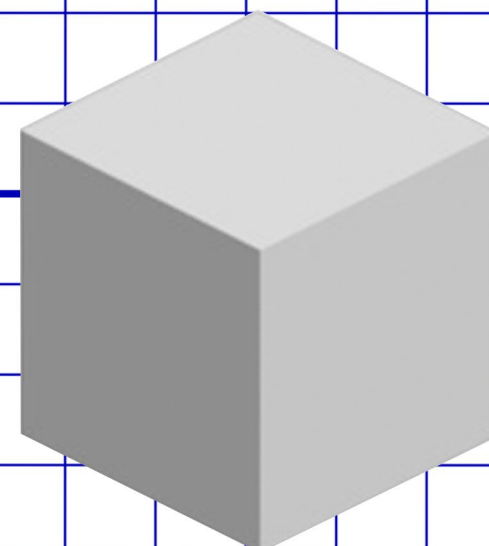
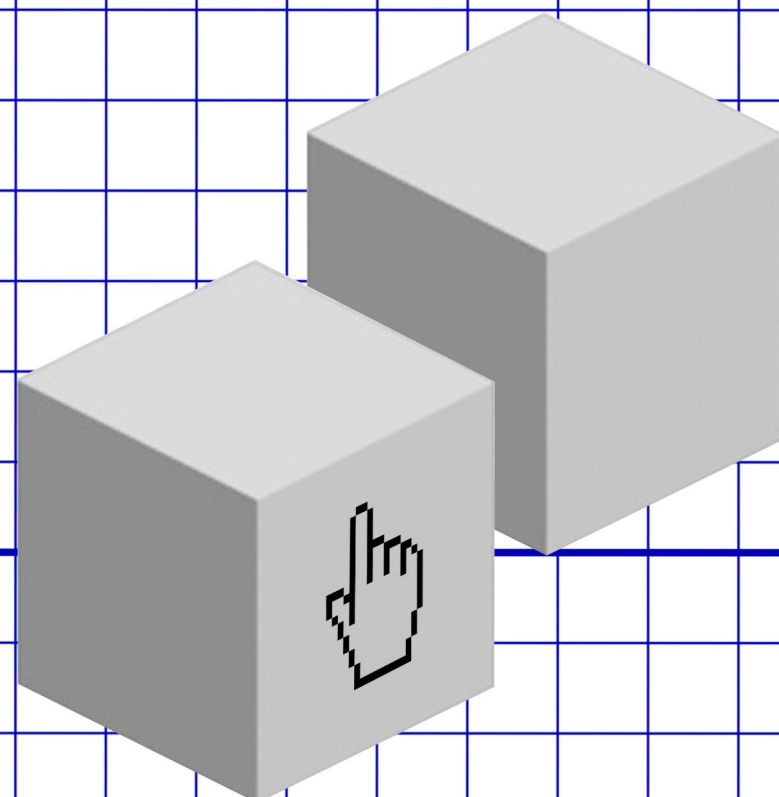


s7t7, 2018
com Y U T A
Audiovisual
2"13'

@jessicaporciuncula.br

* frames retirados do vídeo - vídeos disponível no canal do youtube do antessala

CONJUNTO ARREDO AUMENTA



.podcasts
.curtas
.palestras
.músicas

.recomendações

peteleco no.3 - pet artes visuais



CURTAS DO KLEBER MENDONÇA

O CINEASTA DE RECIFE
DISPONIBILIZOU EM SUA PÁGINA
DO VÍDEO CURTAS COMO - VINIL
VERDE E RECIFE FRIO, ASSIM
COMO O LONGA “CRÍTICO”, UMA
DAS GRANDES OBRAS CINEMATO-
GRÁFICAS BRASILEIRAS.

DISPONÍVEL NO YOUTUBE E NO
IGTV DA ARTISTA @marialicxx



“DOBRAS É UMA ZINE VIRTUAL QUE TEM A INTENÇÃO DE EXPOR O PROCESSO CRIATIVO E AS EXPERIÊNCIAS QUE PERMEIAM O COTIDIANO DO ARTISTA TOBIAS - PERSONA CRIADA POR FELIPE AIRES THOFEHRN.” SITE DOBRAS

**O MATERIAL ESTÁ DISPONÍVEL NO
SITE MAILCHIMP - DOBRAS**

@tobiaz_z

.recomendações

palavra
sapata

PALAVRA SAPATA

EDITORA INDEPENDENTE E
TAMBÉM PLATAFORMA DE
DIFUSÃO/DIVULGAÇÃO DE
CONTEÚDOS DE ARTISTAS,
AUTORAS E PRODUTORAS
LÉSBICAS.

INSTAGRAM @palavrasapata

editorial:

André Gustavo
Daniel Higa
Francisco Franco
Gabriela Costa
Gabriela Cunha
Matheus Matos
Rafaela Ribeiro
Vanessa Cristina

revisão:

Vanessa Cristina

design e diagramação:

Daniel Higa

capas:

frames do vídeo -
quatro maneiras de buscar um corpo -
Bárbara Armange

realização:

PET ARTES VISUAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
AGOSTO 2020



